

De David Riesman a Stuart Hall: a questão da identidade e as obras “O homem duplicado”

Luiz Ricardo Linch¹
Regiane Regina Ribeiro²

Resumo: O tema identidade, sob o olhar de David Riesman e Stuart Hall, é discutido a partir da criação do protagonista do livro “O homem duplicado”, bem como sua adaptação para o cinema. Através da análise de conteúdo, busca-se inferir sentidos na produção das obras. Questiona-se o quanto o contexto sociocultural influenciou na criação do personagem, assim como matizes psicológicas. Conclui-se que a forma de representação da identidade nas obras analisadas pode ser entendida como processo, ou seja, algo em constante construção e transformação.

Palavras-chave: “O homem duplicado”. Identidade. Comunicação.

Abstract: The subject of identity, under the eye of David Riesman and Stuart Hall, is discussed from the creation of the protagonist of the book “The double” and its movie adaptation. Through the content analysis, this paper tries to infer meanings in the production of the art works. It questions how much sociocultural context has influenced the creation of the characters, as well as psychological nuances. The conclusion is that the representation of identity in the analyzed should be understood as a process, ie, something in constant construction and transformation.

Key-words: “The double”. Identity. Communication.

Artigo recebido em: 15/04/2015

Aceito em: 23/06/2015

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: luizlinch@gmail.com.

2 Doutora em Comunicação e Semiótica, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: regianeribeiro5@gmail.com.

Introdução

“O caos é uma ordem por decifrar”: essa frase, presente nas obras “O homem duplicado” - livro lançado em 2002 pelo escritor José Saramago - e “*Enemy*”³, adaptação para o cinema dirigida por Denis Villeneuve e lançada no Brasil em 2014, é aqui entendida como um desafio à compreensão. O aforismo sugere buscar possíveis padrões na aparente desordem dos acontecimentos e dramas que envolvem a história do protagonista Tertuliano Máximo Afonso/Adam Bell. As produções têm em comum a abordagem de questões a respeito da identidade pós-moderna, reprodução massiva de bens e personalidade humana. O cultivo da individualidade e a multiplicidade identitária relacionam-se, dialeticamente, com padrões de conduta e aparências repetidos e previamente convencionados. Ao mesmo tempo em que vive uma rotina mais ou menos coesa, o personagem, à semelhança dos sujeitos da pós-modernidade, assumem diferentes identidades na contínua interação no ambiente social.

O cientista social norte americano David Riesman, em 1950, teorizou três tipos fundamentais de formação de caráter do indivíduo, mais ou menos predominantes em cada tipo de sociedade: o traditivo-dirigido, o introdirigido e o alter/heterodirigido. Cerca de quatro décadas mais tarde, o sociólogo jamaicano Stuart Hall também conceituou uma tríade de identidades, que se tornam cada vez mais descentradas no decorrer da modernidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico, e o sujeito pós-moderno. As categorizações dos dois teóricos convergem para um entendimento semelhante do sujeito contemporâneo: um indivíduo de múltiplas faces, ou seja, um mesmo rosto, um mesmo corpo esconde diversos Eus, assim como o personagem principal nas obras selecionadas revela.

O estranhamento estético produzido em “O homem duplicado” é rico para interpretações e auxiliará na análise realizada neste artigo. “A função da arte é tornar os objetos ‘estranhos’, criar formas difíceis, aumentar a dificuldade e a duração da percepção, pois o processo de percepção é um fim estético em si e deve ser prolongado” (SIM, 2013, p. 55). A arte afasta os objetos do automatismo da percepção. Estimular a reflexão, aprendizado e crítica é uma qualidade não padronizada, pois trata-se da capacidade criativa e sugestiva do autor em diálogo com o potencial e desejo interpretativo do receptor. É compreendido que a arte, na exposição do diferente, do estranho, propicia à mente do espectador um contato com o plano invisível e insondável que existe somente para o outro, ou seja, incentiva a comunicação.

O processo de formação identitária envolve o ato comunicacional, isto é, se dá pela interação humana, pela troca de mensagens e relações entre pessoas, independentemente dos aparatos envolvidos na mediação (RÜDIGER apud FRANÇA, 2001). A comunicação está inserida nas teorias de Riesmann e Hall na medida em que são as interações e a procura de elementos comuns entre pessoas e grupos diferentes que

3 No Brasil e em Portugal o filme foi lançado com o mesmo título do livro: “O homem duplicado”.

leva à criação, desconstrução e reconstrução de identidades. “O afastamento originário criado pela diferença entre os indivíduos, pela alteridade, atenua-se graças a um laço formado por recursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação” (SODRÉ, 2010, p. 11). Ainda que as formações identitárias sejam complexas e de difícil verificação prática, propõe-se deixar o objeto falar sobre o que pode ser aproveitado das teorias para uma compreensão do conceito de identidade.

O objetivo do presente trabalho é inferir sentidos que levem a uma compreensão da formação identitária do sujeito, no modo como este é retratado nas obras selecionadas. A questão levantada é: o contexto sociocultural influencia na constituição identitária ou é fruto de relações interculturais? Para cumprir o objetivo e verificar a pergunta, será feita uma contextualização das obras selecionadas e analisado o ambiente social contemporâneo à luz de teorias sociais do século XX. Serão apresentadas as proposições de Riesman e Hall em diálogo entre si e com o tema da comunicação. Através da inferência de sentidos na construção do personagem, propõe-se a identidade além de uma perspectiva do sujeito completamente centrado e formado.

A multiplicação e repetição da identidade por Saramago e Villeneuve

Em “O homem duplicado, Saramago desenvolve uma ficção ensaística, misturando drama com crítica à sociedade moderna. É apresentado Tertuliano Máximo Afonso, um professor de história deprimido, com uma rotina monótona e uma relação morna com a namorada. Ao assistir a um vídeo recomendado por um colega, ele se depara com um ator fisicamente idêntico a si, e fica interessado em conhecê-lo. Ao se encontrar com ele, sente-se ameaçado pela forte personalidade do sócio, António. Este obriga Tertuliano a trocarem de lugar. Após passar uma noite com a esposa do outro - e este com sua namorada, escuta no rádio que um casal morreu num acidente de carro, o *seu* carro. O personagem decide então assumir a vida de seu outro. Ao final da história, Tertuliano atende ao telefone e do outro lado uma voz igual a sua diz que deseja conhecê-lo. Ele concorda, sem aparentar perceber que o diálogo que tem com o interlocutor é idêntico ao que tivera com António na primeira vez em que se falaram.

O final de “O homem duplicado” pode ser interpretado como reflexo da inquietude de Saramago com a repetição de padrões na sociedade, onde, apesar das diferenças, as vidas dos indivíduos se reprisam sob diversos aspectos. A alegoria de encontrar uma pessoa fisicamente igual pauta uma discussão sobre as cópias de identidades sociais, consequência de modelos socioculturais prontos. O inusitado, então, não está em encontrar um gêmeo idêntico, mas nos inúmeros sócios sociais e culturais que não se dão conta de sua semelhança e iteratividade. Saramago representa, no desfecho cíclico da trama, uma crítica à aparente perda da individualidade no mundo globalizado, onde o ser humano reproduz identidades pré-concebidas.

O diretor Denis Villeneuve consegue levantar as questões presentes no livro em sua adaptação para o cinema. O canadense leva às telas o conflito das identidades presente no mundo social, onde a individualidade é constantemente desafiada por exigências de costumes padronizados. Adam e Anthony, ao se encontrarem, entram em choque, cada um ambicionando aspectos da vida um do outro. O fato de ambos serem um mesmo sujeito, de personalidade dividida, reflete os próprios impulsos e pensamentos dos sujeitos sociais, frequentemente contraditórios. Tertuliano/Adam dá vida a uma parte de si totalmente independente e contrastante com o “eu” que ele acredita ser o verdadeiro. Uma atitude esquizofrênica que se assemelha à formação dos sujeitos heterodirigidos/pós-modernos, como será visto adiante.

O contexto (pós) moderno da fragmentação e multiplicação identitária

O filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth defende que teóricos como Adorno, Horkheimer e Marcuse compreendiam a vida social “num círculo fechado do exercício centralizado da dominação, do controle cultural e do conformismo individual” (1999, p. 516), perspectiva semelhante ao ambiente de estados totalitários. Com o avanço dessa forma de regime, a família burguesa passou a ser entendida de maneira distinta à dos séculos passados: o poder patriarcal é questionado e deixa de ser o ponto de referência para o indivíduo, que se tornara vulnerável a figuras autoritárias manipuladoras (HONNETH, 1999). Observa-se aqui uma mudança na concepção do sujeito, que deixa de ser visto como moldado no ambiente familiar para ser encarado como suscetível de manipulação por figuras externas.

A racionalidade e massificação, presentes no campo produtivo, estariam se estendendo à esfera da socialização, tornando as relações humanas mais competitivas e embrutecedoras. Segundo Rüdiger (2002), o sujeito humano é resultado de um processo contingente de autopoisição em condições sociais determinadas. A dialética da cultura de massa permite que cada pessoa expresse seus sentimentos e julgamentos individuais ao mesmo tempo em que tem restringido seu crescimento como ser independente. A escolha sobre o consumo de bens alienaria o sujeito do fato de que os indivíduos já não têm qualquer poder de decisão, mesmo em suas vidas particulares. De acordo com Duarte, o público, “já previamente anestesiado em virtude de tantos solavancos no mundo do trabalho [...] ‘agradece’ a ela (Indústria Cultural) a possibilidade de evitar o esforço da individuação, i.e., de cada pessoa se lançar ao exercício [...] de se compreender como uma instância de decisão” (2003, p. 65).

O filósofo Walter Benjamin representou uma voz dissonante à ideia do indivíduo integrado socialmente através de atitudes e orientações controladas por poderes verticalmente impostos. “As experiências sociais não são meras representações [...] dos imperativos funcionais da sociedade, mas antes a expressão independente da ca-

pacidade de desenvolver uma imaginação coletiva” (apud HONNETH, 1999, p. 532). Benjamin retirou as condições econômicas do centro da formação social e construção da personalidade do indivíduo, compreendendo aquelas somente como “pano de fundo” onde os grupos sociais exerceriam suas relações e interações. Foi um rompimento com a forma de pensar a criação da identidade como resultado puramente de determinismos materiais.

O marxismo utilizado nas teorias sociais da primeira metade do século XX recebe um recorte gramsciano: as contradições não são vistas somente pelas diferenças de classe, mas principalmente pela pluralidade e diversidade cultural (ESCOSTEGUY, 2010). O entendimento da alteração identitária, no entanto, não é invalidade, pois o indivíduo é visto como não tendo mais sua identidade assegurada de antemão pela tradição, mas a constrói por engajamento no convívio junto ao coletivo.

A dominação, deste modo, jamais seria completa, mas um processo vivido, onde os sujeitos assimilam sentidos, mas também os produzem e transformam. Ver o popular através de Gramsci, conforme Martín-Barbero (1997), é prestar atenção à trama, observar que nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é resistência, e que nem tudo que vem de cima são valores da classe dominante, pois há coisas que vem de lá e respondem a outras lógicas que não são as de dominação. Defende-se, assim, a influência das interações culturais como processo de construção do sujeito. A lógica do domínio do contexto social, no entanto, não pode deixar de ser levado em consideração, como veremos em David Riesman.

Formas de construção do sujeito moderno: a multidão solitária

O sociólogo americano David Riesman, em sua obra “A multidão solitária”, tenta compreender a formação da classe média norte americana no período pós-guerra, analisando a influência da cultura do consumo na construção das identidades. Riesman conceitua três principais modos de constituição do sujeito. O primeiro é o *tradicivo-dirigido*, no qual a pessoa está mediada por um número específico e relativamente pequeno de indivíduos, com os quais tem convívio diário; sua cultura é uma unidade familiar, que espera dela um comportamento pré-aprovado. O tipo seguinte, *introdireto*, é um indivíduo pouco independente, que pode futuramente seguir um curso interno programado por autoridades que se assemelham ao papel dos pais. Por fim, o indivíduo *alter/heterodireto* tem na família apenas uma pequena parte de um meio social extremamente amplo, no qual aprende a reagir de outras formas além daquelas que absorveu no lar (RIESMAN, 1995).

O objetivo da formação da identidade, segundo Riesman, seria o ajustamento ao coletivo. Em razão disso, a presença dos “outros” conducentes e aprovadores é

essencial. O protagonista das obras analisadas – Tertuliano/Adam – é dependente do incentivo e aprovação das pessoas em sua vida, seguindo um curso que não é o que deseja, mas o que os outros acreditam ser bom para ele. Encaixa-se na categoria do homem heterodirigido, que assimila projetos já prontos, de forma a atender suas necessidades imediatas, livrando-se do peso de assumir a responsabilidade de planejar sua vida por conta própria (RIESMAN, 1995).

O título “*Enemy*” faz referência à oposição das identidades do protagonista e seu sócia, podendo essa representação ser estendida à disputa social: o outro, na sociedade de massa, é visto como o adversário, ao qual o sujeito deve temer e combater. A procura pelo sócia torna, em princípio, mais interessante a vida de Tertuliano; a incompatibilidade de personalidades, no entanto, gera um conflito. O duplo é competitivo e dominador, enquanto o “original” é passivo e inseguro. Essa alegoria reflete o entendimento do sujeito heterodirigido por Riesman: numa sociedade onde predomina a produção massiva, há muitos duplos, indivíduos que ocupam e disputam os mesmos cargos e posições.

“A moralidade tende a tornar-se uma inferência da vitória” (RIESMAN, 1995, p. 170). Como o Doppelgänger⁴ do mito germânico, o duplo é um ser de mau agouro. Na sociedade contemporânea, tal como compreendida por Riesman, a dinâmica identitária atende a exigências e padrões pré-estabelecidos, fomentando a disputa entre sujeitos e um mal estar no convívio coletivo. Essa ideia está presente em “O homem duplicado”: a emergência de vidas repetidas, vazias de significado real, em que pessoas existem para ocupar o espaço deixado pelas que se foram, substituindo peças quebradas para que a máquina continue a girar. Eis a “multidão solitária”: uma massa heterogênea, cujos membros diferenciam-se somente nas escolhas de bens e autorepresentações, em que o projetar é carente de real individualidade, onde os sujeitos somente reproduzem o que já existe e ao mesmo tempo se distanciam uns dos outros (RIESMAN, 1995). A visão do sujeito construído por fatores externos, no entanto, foi relativizada pela visão de teóricos que levaram em conta fatores interacionais e culturais. Essa é a perspectiva adotada por Stuart Hall.

Descentramento, deslocamento e fragmentação da identidade

O teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall propõe que uma “crise de identidade” estaria abalando as estruturas identitárias dos indivíduos, desfazendo a ancoragem estável no mundo social (2006). O autor fala de um “descentramento” que estaria em curso, referente ao deslocamento de estruturas e processos sociais, fruto do surgimento de novas identidades – especialmente pela globalização – e da frag-

⁴ Doppelgänger é um monstro ou ser fantástico que tem o dom de representar uma cópia idêntica de uma pessoa que ele escolhe ou que passa a acompanhar. Ele imita em tudo a pessoa copiada, até mesmo suas características internas mais profundas. O nome Doppelgänger se originou da fusão das palavras alemãs doppel (significa duplo, réplica ou duplicata) e gänger (andante, ambulante ou aquele que vaga).

mentação das antigas. O conceito de identidade no atual estágio civilizatório, para Hall, é característico de um indivíduo multifacetado – por vezes esquizofrênico – no sentido em que as múltiplas identidades, por vezes contraditórias, transitam continuamente na interação social do sujeito. A exposição cada vez maior ao diferente, o choque do indivíduo com o estranho, a possibilidade de visitar lugares socioculturais completamente distintos ao qual cresceu; todos esses fatores contribuem para uma maior fragmentação identitária e descentração de um fundamento único e permanente do sujeito – o chamado Eu.

A exemplo de Riesman, Hall conceitua três categorias principais para a formação da identidade. A primeira é o *sujeito do Iluminismo*. Este é considerado um indivíduo plenamente centrado, que nasce dotado de uma essência interior e desenvolve-se a partir dela, conservando o mesmo núcleo por toda sua vida. O tipo seguinte é o *sujeito sociológico*, onde o núcleo do Eu ainda é centrado, porém influenciado pela interação e diálogo com culturas e identidades exteriores. Por fim, há o *sujeito pós-moderno*, desprovido de uma essencialidade fixa; antes, sua identidade é continuamente transformada de acordo com suas relações exteriores.

O entendimento do “eu” como um ser coerente é substituído pela ideia de um sujeito em constante transformação, deslocado para diferentes direções, assumindo identidades de forma temporária. A contraparte de Tertuliano/Adam pode ser compreendida como resultado de um impulso de liberdade dos arreios e convenções sociais. O personagem tem na entediante repetição da sua rotina uma prisão, construída por obrigações e deveres, sejam profissionais, sociais ou pessoais. A criação de uma nova personalidade para representar a si, cujas características são diametralmente opostas às do Eu conhecido, pode ser vista como uma tentativa de romper essa estagnação.

A identidade, conforme explica Hall (2006), é frequentemente interpretada como algo plenamente formado e acabado; antes, o autor defende que se deveria falar em *identificação*, ou seja, a incompletude do ser humano o leva a externar, através das identidades assumidas, como gostaria de ser visto. O significado que o indivíduo atribui a si mesmo se dá através de um fechamento - a identidade, continuamente perturbada, alterada e reconstruída pelo choque com as diferenças. Tertuliano/Adam é um ser em depressão, que sente seus impulsos reprimidos, coagido a agir de determinadas maneiras pré-estabelecidas. A coerção social objetiva tornar o indivíduo dócil e adaptado ao seu meio (HALL, 2006), porém é obstada pelos fluxos culturais, uma força que cresce junto com a internacionalização e globalização na pós-modernidade.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados

por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2006, p. 75)

Uma identidade, confrontada com outra diferente de si, não é incorporada, mas transformada na tradução que o sujeito faz dos sentidos que interpreta (HALL, 2006). O choque com o diferente, conflituoso ou não, é transformador para ambas as partes nessa interação. Tertuliano/Adam, ao ser confrontado pelo seu duplo, acaba alterando sua própria identidade, assumindo uma posição que acreditava não ser originariamente sua; chega ao extremo de assumir a vida do outro, num impulso semiconsciente de transformação para um conjunto de identidades que melhor defina o desejo de como gostaria de viver. Conforme Hall (2006), o deslocamento de populações pelo globo (migrações, diáspora) contribui para o acentuamento dos conflitos de identidade e perda de um núcleo ancorador da personalidade do sujeito.

Conclusão

O sujeito é uma categoria moderna, designa aquilo que se mantém idêntico a um mesmo núcleo em diferentes situações. Encontra-se em oposição ao objeto, aquilo que se encontra simplesmente existindo no mundo, a que o sujeito dá função e significado (SODRÉ, 2010). A concepção do sujeito significou a separação entre corpo e espírito – o “verdadeiro” Eu – facilitando a inserção e aceitação do indivíduo na ordem social. As ciências humanas progressivamente desfizeram essa certeza dicotômica: o Eu passou a ser uma expressão do sujeito e não o sujeito em si mesmo. “O *eu* é simultaneamente *um outro*, o *idem* é também *alter*, o nome equivale a seu possível heterônimo” (SODRÉ, 2010, p. 177). O sujeito centrado em identidades fixas é uma raridade. Desse modo, o termo “identificação”, que indica processo e alteração, parece mais adequado que *identidade*, que sugere estabilidade e coesão. A comunicação relaciona-se com a identidade na procura do comum entre diferentes, as identificações que o sujeito utiliza para ser visto, interpretado e se expressar.

A trajetória desenvolvida por este artigo procurou contextualizar as condições sociais e culturais sobre as quais os dois autores escolhidos – David Riesman e Stuart Hall – desenvolveram suas teses sobre a questão da identidade. Verificou-se que o entendimento das formações do sujeito humano, no início do século passado, estava mais próximo de uma concepção materialista para ajustamento, em que as condições de sobrevivência regulavam a escolha das identidades. Este é o panorama predominantemente adotado por Riesman. O entendimento de Hall sobre a identidade, por sua vez, está ligado a uma abordagem cultural e nas relações entre os atores sociais e seu ambiente.

Todos nascem com um leque de predicados pré-existentes; o indivíduo não se cria de um núcleo permanente, mas *a partir* de identidades às quais, inicialmente, não possui controle e opção. O objetivo deste trabalho foi parcialmente cumprido, pois se chegou a uma compreensão das formações identitárias dos sujeitos. Considera-se que o sujeito é suas condições de vida, somado à sua consciência para agir e modificá-las de acordo com seus desejos, impulsos, necessidades e criatividade. Um sujeito não é algo pronto, antes se cria e desenvolve nas relações com o diferente e também por si mesmo. O que existe fora dele, no entanto, pode restringir as formas identitárias desejadas e desencadear transtornos pela dificuldade de comunicação com o ambiente.

Referências

- DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- ESCOSTEGUY, Ana C. D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FRANÇA, Vera R. V. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: FRANÇA, V. R. V.; HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOMEM duplicado, O**. Direção: Denis Villeneuve. Imagem Filmes. Canadá-Espanha. 2014. 90 min.
- HONNETH, Axel. Teoria crítica. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RÜDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural**: comunicação e teoria crítica da sociedade. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SARAMAGO, José. **O Homem Duplicado**. Lisboa: Caminho, 2002.
- SIM, Stuart. **Entendendo teoria crítica**. São Paulo: LeYa, 2013.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.